



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

DIÁRIO
inconveniente

Metidos num poço!

Os Açores continuam a sua marcha fúnebre no que toca a índices de desenvolvimento.

Já éramos os piores da Europa há décadas consecutivas, agora estamos pior porque os que estavam semelhantes a nós conseguiram melhorar e até ultrapassar os índices do país, como é o caso da Roménia.

Estamos todos nos Açores a trabalhar apenas para sobreviver, sem conseguir gerar riqueza suficiente para convergir com o país e muito menos com a União Europeia.

O nosso PIB per capita baixou para 65% da média europeia, regredindo aos tempos de 1998, ao nível da Macedónia, da Sérvia ou da Bósnia-Herzegovina, se é que nos serve de consolo estarem atrás de nós.

O Conselho Económico e Social dos Açores (CESA), única entidade independente que está a fazer um trabalho de excelência na região, veio alertar-nos na semana passada que os dados macroeconómicos mais recentes confirmam que, quer Portugal, quer os Açores, têm uma evolução recente de divergência de crescimento face à Europa.

Os Açores recuam mesmo mais de duas décadas face à Europa e alguns anos face ao resto do país.

“Estes dados devem suscitar uma reflexão adicional para se perceber porque é que sucessivas políticas de desenvolvimento não têm sido suficientes para retirar a Região da cauda da Europa”, desafia o CESA.

Ora aí está a grande questão: porque é que não saímos da cepa torta?

Por uma razão muito simples: não temos aplicado o modelo ou as políticas certas de desenvolvimento, apesar dos mais de 4 mil milhões de euros oferecidos pela União Europeia para a nossa Coesão Regional, e porque os políticos que têm essa responsabilidade nas suas mãos mostram-se incapazes e incompetentes para levar o barco a bom porto.

Foram décadas de estratégias erradas e de políticas públicas cobertas de incúria e irresponsabilidade.

Estamos a deixar aos nossos filhos e netos uma Região pobre, altamente endividada, com empresas frágeis e salários de miséria.

O nosso crescente saldo migratório é a prova de que não conseguimos reter os nossos talentos, porque se ficam nos Açores estão condenados a trabalhar para o turista, tirar leite às vacas ou ser funcionário do governo.

Os nossos responsáveis até cultivam a imagem de que o que é de fora é que é bom e os nossos são relegados para segundo plano. É só ver o Conselho de Administração da SATA. Não há nenhum açoriano que perceba de aviação?

Ainda agora ficamos a saber que até uma pequena empresa que fabrica o famoso Queijo do Morro está há mais de um ano à espera de ver aprovada a sua candidatura a uma linha de investimento.

Como é que uma economia aguenta isso, quando os poderes políticos são incompetentes até para aprovar candidaturas a dinheiros europeus?

Quem se atreve a investir numa Região que é preguiçosa a decidir?

Como é que podemos convergir com uma máquina administrativa regional gigantesca que não funciona?

Que Região e que governantes é que temos, que se permite distribuir avales, concessões e explorações de empresas, para depois os beneficiários não pagarem?

O comum dos cidadãos nem imagina o que vai de podridão na nossa administração regional, onde apenas uma pequena clientela consegue os privilégios e as sinecuras do orçamento público, à custa do esmagamento das baixas remunerações dos contribuintes e da catrefada de impostos que carregamos às costas para sustentar todo este sistema de políticas erradas.

Esta semana ficamos a saber que somos os últimos nos Indicadores da Competitividade Regional, nomeadamente na sofisticação dos negócios, que representa a especialização e diversificação assim como o papel da região para alavancar a economia e responder à concorrência.

O cenário não é sombrio. É mesmo negro e a Comissão Europeia veio confirmar, mais uma vez, que estamos metidos num poço que vamos escavando de ano para ano.

O Índice de Competitividade Regional (ICR) que acaba de ser publicado é como uma espada nas nossas cabeças que devia aterrorizar qualquer político e governante.

De acordo com o documento, estamos em último lugar das regiões do país e nos últimos seis anos trepamos uma miséria de índice de 65.3 para 65.5, enquanto os outros treparam por aí acima.

Na estabilidade macroeconómica estamos muito abaixo da média europeia, somos os últimos na sofisticação dos negócios, temos o pior desempenho no ensino superior (parâmetro de 27,7, a uma grande distância da média europeia e da Área Metropolitana de Lisboa, com 111,7), o mesmo acontecendo no indicador da dimensão dos mercados, em que voltamos a ser os últimos, e também em infraestruturas e inovação.

Ou seja, numa só palavra, estamos longe de sermos Europa e estamos cada vez mais longe de chegar a ela nesta e na próxima geração... pelo menos.

Este é o resultado da maioria das políticas desenvolvidas pelos sucessivos governos da Região, lesivas para os dinheiros públicos, como é o caso desastroso da SATA, cujos responsáveis deveriam ser criminalizados.

Mas como vivemos numa República das Bananas, ninguém é culpado de nada e todo o governante ou gestor público vive na maior das impunidades e passeia-se por aí como se nada fosse.

A galáxia gigantesca que criamos na administração pública regional é outro problema que nos trava o desenvolvimento.

Pode-se dizer, com toda a propriedade, que estamos a trabalhar nos Açores para engordar a máquina pública, pois ela tributa-nos até ao tutano e, em troca, dá-nos serviços de saúde com enormes listas de espera, um ensino em que somos os últimos em tudo e uma economia pobre, sem estímulos certos.

Tudo isto vem reforçar o enorme erro que foi precipitarmo-nos, já este ano, para o endividamento zero, quando a economia está a precisar, como de pão para a boca, de políticas de reforço de investimento público, desde apoios às famílias e empresas, até ao pagamento de fornecedores, que já estão com as mãos à cabeça e ainda vamos no primeiro trimestre.

O responsável pelo Planeamento e Fundos Estruturais já veio avisar que, mesmo com cativações, poderá não haver boas execuções de aproveitamentos comunitários.

Se, como se diz por aí, não há dinheiro para pagar a actualização de carreiras, como foi prometido, imagine-se então para pagar a fornecedores e ainda compartilhar o investimento comunitário.

Se o poço já era fundo, o trambolhão vai ser ainda maior.

Apesar de tantas amêndoas amargas, Feliz Páscoa!